

ARTE E CULTURA

META

Apresentar a arte como um produto da Cultura e ao mesmo tempo um veículo de sua difusão.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- reconhecer que a Cultura é uma organização do ser humano e não um dom da natureza;
- identificar as condições em que se forma a Cultura humana;
- mostrar que a Cultura é o resultado de relações simbólicas criadas pelo homem;
- explicar a arte como lugar de expressão dos elementos culturais.



INTRODUÇÃO

Toda forma de arte é uma produção cultural da comunidade, e a literatura, enquanto arte, não faz exceção. Então, vamos conversar hoje sobre as obras artísticas, situando-as no contexto cultural em que elas surgem.

Para começar, é importante compreender o que é Cultura, e, para tanto, venha comigo fazer um passeio pelas significações desse termo no uso popular e depois vamos ver suas implicações, seus efeitos na vida das pessoas e nas manifestações da arte. Assim, você vai compreender melhor a literatura em si mesma e as relações que ela mantém com a sociedade, a política, a história e muitos outros campos do conhecimento de que temos notícia.



Feira livre (Fonte: <http://www.conedesign.org.br>).

ARTE E CULTURA

A palavra “cultura” é uma dessas tantas palavras que, a depender do contexto em que se colocam, têm significação diferente. Sendo assim, por cultura podemos entender o cultivo da terra para a produção de alimentos, ou seja, o cultivo agrícola; podemos entender o cultivo de determinada planta, como é o caso da cultura do milho, da cultura do arroz etc. O termo cultura pode significar ainda a gama de conhecimentos acadêmicos adquiridos com estudos sistemáticos em escolas, faculdades, academias ou instituições de pesquisa. Por exemplo, ao entrar no Programa Universidade Aberta do Brasil você está freqüentando um lugar de cultura, um lugar onde

circula o saber, uma academia. Em qualquer instituição de ensino, existe um objetivo comum: discutir o conhecimento adquirido e gerar novos conhecimentos, transmitindo-os de geração em geração.

As academias surgiram na Grécia, com Platão e se difundiram pelo mundo. De tal modo essa idéia de academia se fixou no uso linguístico, que até hoje os alunos de curso superior são chamados “acadêmicos”, ou seja, membros de uma academia, membros de um lugar onde se exercita o conhecimento. Mas esse termo “academia” é também usado em expressões como “academia de dança”, “academia de ginástica”, “academia de música”, “academia de medicina”, “academia de letras” etc.

A palavra “cultura”, entretanto, tem um sentido mais amplo, incluindo não só as formas de conhecimento sistemático, mas também tudo o que organiza a vida das pessoas, desde o saber mais simples, como arrumar uma casa de acordo com uma certa disposição dos móveis e utensílios até o modo de pensar da comunidade, passando pelo jeito de trabalhar, de se relacionar um com outro, de amar etc. Nesse sentido, a cultura é a soma das realizações simbólicas do homem.

Agora você pode perguntar: “Mas o que é uma realização simbólica?” Uma realização simbólica é qualquer feito humano cujo valor está em sua significação. Assim, o sentido de todas as coisas é simbólico pois ele não vem da Natureza, mas é uma elaboração do próprio homem na Cultura. De forma semelhante, se fala no símbolo, que é uma coisa representando outra. Dessa maneira, a bandeira nacional não é um pano preso a uma haste para ser agitado pelo vento, mas tem a finalidade de representar a Pátria; uma palavra tem o valor de representar uma coisa ou uma ideia; uma casa de residência, isto é, um lar tem o valor de indicar o que a comunidade pensa sobre a família: um agrupamento de pessoas unidas por laços estreitos de afetividade, de trabalho, de auto-preservação e de interesses comuns; o ritual do casamento significa o compromisso público de duas pessoas viverem juntas com um projeto de vida etc. Tudo isso se faz com atos que trazem um sentido, então são atos simbolizados e, por isso, todos são realizações simbólicas.

Todos nós vivemos inseridos em um contexto e esse contexto é feito de dados da realidade muito diferentes, cada um tendo suas características próprias. Logo, os fatos voltados para a história constituem o contexto histórico; os fatos voltados para as finanças e os bens são chamados de contexto econômico; os fatos voltados para a espiritualidade são chamados de contexto religioso e assim por diante.

Dessa maneira, no sentido mais amplo, entendemos por Cultura o conjunto das manifestações simbólicas da comunidade humana, quer se esteja nas ciências, nas artes ou nos costumes.



DIFERENÇAS ENTRE OS ATOS SIMBÓLICOS E A COMUNICAÇÃO ANIMAL

Monogâmico

Sistema social de alianças conjugais em que a pessoa não pode ter mais de um parceiro(a). Estende-se esse sentido para o animal que fica sempre com o mesmo parceiro para o acasalamento, a exemplo do canário, do pombo e de outros mais.

Poligâmico

Sistema social em que a pessoa pode ter mais de um cônjuge.

Ao apontar para o caráter simbólico das manifestações culturais, fica logo marcada uma separação entre a Cultura, própria dos homens, e a vivência coletiva, encontrada também entre os animais na Natureza. Nesses últimos, os indivíduos da espécie animal participam de comportamentos que preservam a vida individual e, algumas vezes, coletiva, criando um tal modo de relacionamento entre eles que não seria impropriedade, em muitos casos, falar-se em “comunidade dos animais”, pois não só promovem os meios de subsistência da sua comunidade (abelhas, formigas, entre outros), mas também criam formas de conduta que regem o modo de convivência: organização de bandos, liderança do mais forte, vínculo de acasalamento **monogâmico** ou **poligâmico** etc.

Entretanto, apesar de toda a complexidade dessa organização comunitária, a lei que orienta esse sistema de relações entre os animais é regida apenas pelo aprendizado do grupo ou do indivíduo da espécie. Nesse último caso, estão incluídos os comportamentos manifestados pela mãe ou pelo pai, desde a fase dos cuidados de alimentação com o filhote, passando pela proteção contra os predadores até o ensino da vida autônoma na Natureza. Isso significa que todos os fenômenos presentes nos animais redundam numa ordem de repetição do mesmo em que o ato criador do novo não se manifesta, porque se refere sempre a ações de reprodução do que já foi observado. Daí a insistência no mesmo, em que a criatividade não se faz

sentir. Um joão-de-barro fará sempre sua casa de modo semelhante ao de qualquer outro joão-de-barro; as abelhas de um sítio construirão seu favo de mel de modo semelhante a outras abelhas de qualquer outra região; uma tartaruga cavará o buraco para pôr seus ovos como todas as outras e assim sucessivamente. Por mais elaboradas que sejam suas ações, não pertencem ao campo da linguagem. O lingüista francês **Émile Benveniste** (1976, p. 60) diz:

Aplicada ao mundo animal, a noção de linguagem só tem crédito por um abuso de termos. Sabemos que foi impossível até aqui estabelecer que os animais disponham, mesmo sob uma forma rudimentar, de um modo de expressão que tenha os caracteres e as funções da linguagem humana.

[...] Tudo leva a crer [...] que as abelhas têm um modo de comunicar-se.

Essa comunicação, entretanto, não coloca o movimento das abelhas no nível da linguagem humana, pois as diferenças são grandes, e o lingüista aponta algumas: 1- a mensagem das abelhas se limita a um gesto, a movimentos; 2- só se dá onde é possível a percepção visual; 3- “não provoca nenhuma resposta do ambiente, mas apenas uma certa conduta, que não é uma resposta”, portanto não estabelece diálogo; 4- a mensagem de uma abelha não pode ser reproduzida por outra abelha que não tenha presenciado os movimentos de uma anterior; 5- na “linguagem humana [...] a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação linguística se misturam livremente, ao infinito.” (BENVENISTE, 1976, p. 65)

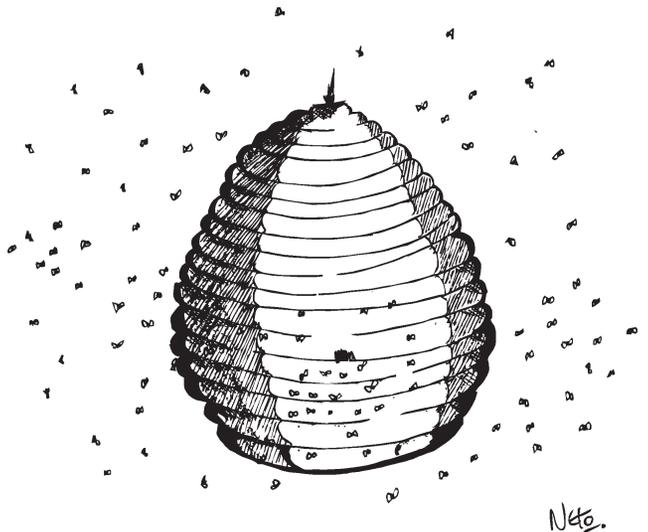
Diferentemente do animal, o homem se organiza a partir da significação das coisas, ou seja, a partir da Linguagem, em que tudo é organizado de acordo com uma ordenação lógica: a ordenação do simbólico. Então, dentro dessa visão, a Cultura não é sinônimo de civilização, nem depende do saber acadêmico aprendido nos bancos da escola. Ela nasce na espontaneidade das experiências individuais e coletivas a exemplo dos costumes, das invenções, das descobertas, do modo de ler o firmamento, da maneira de fazer o plantio, da criação de mitos, da formação de tabus, da invenção de deuses, da forma de prestar culto às divindades e de todas as demais maneiras de viver.

Sendo assim, a Cultura atravessa a vida humana que aparece de forma manifesta ou oculta nos atos e nas atitudes de todos os indivíduos. Desse



Émile Benveniste

Linguista francês (1902-1976), especialista em gramática comparada das línguas indo-européias. Ensinou na École Pratique des Hautes Études (1927) e no Collège de France (1937). Publicou *Problemas de Linguística Geral*, volume I (1966) e volume II (1974).



Neto.

Comunidade linguística

Grupo de pessoas que usam a mesma língua.

Know how

Conhecimento técnico, conhecimento de como executar alguma tarefa. Envolve a experiência, a prática em resolver problemas. Em francês a expressão correspondente é *savoir faire*.



Pablo Picasso

Artista plástico espanhol (1881-1973). Desenvolveu o estilo artístico conhecido como cubismo. Pintou *Les Femmes d'Alger (O Jogo)* (1907), cuja característica principal é a decomposição da realidade humana, e *Guernica* (1937). Esta obra, o mais famoso de seus murais, retrata a violência e o massacre sofridos pela população da cidade de Guernica, durante a Guerra Civil Espanhola.

modo, ela se faz presente também na arte, uma das maiores e mais sublimes manifestações da Cultura. Pode-se dizer que Cultura é tudo o que organiza a vida das pessoas em uma comunidade: o modo de relacionarem-se umas com as outras, o modo de perceber o mundo, de exteriorizar os sentimentos, de organizar as instituições etc.

A ARTE REVELA A CULTURA

Arte! Aí está um dado da realidade de que falamos ou ouvimos falar freqüentemente, mas que talvez não tenhamos muita clareza sobre o que significa realmente. Logo que vemos o termo “arte”, ou ficamos diante de um objeto artístico, sempre nos remetemos à ideia de que ali está algo que transcende o meramente material e alcança a dimensão do espiritual, compreendendo espiritual como o que vem de uma esfera superior (o intelecto, o sentimento) do homem e não apenas de sua capacidade técnica. A palavra arte na língua grega é *téchnê*, que significa técnica, ofício, habilidade. Entretanto, em latim o termo era *ars, artis*, e dessa língua latina temos a forma vocabular arte.

No dia-a-dia, principalmente em **comunidades lingüísticas** mais conservadoras, encontramos expressões do tipo: “Esse menino está fazendo arte”, ou então “Esse menino é arteiro”. Na palavra “artimanha” está presente a ideia de astúcia, artifício, traquinice, feito inadequado, ardiloso ou censurável, revelando que há sempre o aspecto do fazer inesperado, do imprevisível. Nesse inesperado e nessa imprevisibilidade está presente o caráter criativo, ou seja, aquilo que escapa ao que se espera. Em “artefato”, na origem latina, temos o sentido de “feito com arte”. Encontramos ainda a palavra “artesão”, significando pessoa que exerce um trabalho manual, em geral por sua própria conta.

Então, vários são os sentidos que o termo arte pode receber e, falando resumidamente, podemos dizer que a arte tem a ver com uma capacidade de fazer, com uma técnica, isto é, com um *know how* ou um *savoir faire*.

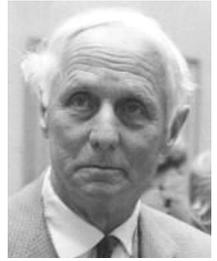


Guernica (1937), tela do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973) (Fonte: O mundo da arte: enciclopédia das artes plásticas em todos os tempos. Vol. Arte Moderna, p. 75).

Porém, todos sabemos que, na língua culta e mesmo no senso comum, o termo arte tem um sentido mais específico, e os objetos artísticos recebem um tratamento especial dos estudiosos e das pessoas que têm pelo menos um nível razoável de escolaridade. Isto porque essa palavra ficou associada ao campo da Estética e nesse campo é estudado tudo o que diz respeito ao Belo artístico. Esse conceito de Belo também é explicado de formas bem variadas, o que requer certo cuidado ao tratar-se dele. Por isso, vamos refletir um pouco.

Talvez você não tenha pensado nisso, mas na verdade, no campo da Estética, o Belo não é a mesma coisa que o bonito. Por bonito – termo de uso coloquial – entende-se sempre aquilo que agrada aos sentidos da visão e da audição e pode ser notado por qualquer pessoa, independentemente de seu grau de cultura. Por isso, acha-se bonito desde uma flor ou um jarro de cerâmica até um canto de pássaro ou o timbre de voz de alguém. Já a compreensão do Belo estético exige uma capacidade de perceber, por trás do objeto observado, uma técnica empregada para produzir um determinado efeito sensível no observador. Mas esse efeito sensível está associado a uma compreensão do inteligível, daquilo que só pode ser apreendido por um esforço da inteligência. Assim é que, para a apreciação da beleza artística, muitas vezes é necessário um conhecimento específico da intenção estética que moveu o artista a produzir aquela obra. Por exemplo, dentro do Modernismo, algumas obras de valor podem ser consideradas “feias” por quem não conhece as regras que orientam essa nova modalidade estética. A tela *Guernica* (1937), do pintor espanhol **Picasso** ou *O Elefante das Célebes* (1921), do pintor alemão **Max Ernst**, nem sempre são agradáveis ao observador desinformado das questões estéticas, recebendo o comentário crítico de “feias” ou “sem graça”. Contudo, sabemos que “feio” como apreciação pessoal isolada, individual, não é um juízo de valor adequado ao campo estético, já que a arte depende de um saber técnico, mesmo que essa técnica seja uma forma original de o artista fazer o seu trabalho e não algo aprendido em uma escola.

Por outro lado, dificilmente alguém – de qualquer nível cultural – achará feia uma escultura grega, como a *Vênus de Milo* ou uma pintura renascentista, como *A escola de Atenas*,



Max Ernst

Pintor alemão (1891-1976). Um dos fundadores do Dadaísmo na Alemanha. Em 1922 foi para a França onde conheceu André Breton e participou ativamente do movimento surrealista até 1934. Em 1954, rompeu definitivamente com o Surrealismo.



Vênus de Milo. Representa a deusa Afrodite e foi encontrada na ilha de Milo em 1820 (Fonte: <http://www.chess-theory.com>).



Rafael Sanzio

Pintor italiano (1483-1520). Mestre da pintura e da arquitetura da Escola de Florença, durante o Renascimento italiano. Foi influenciado por Leonardo da Vinci e Michelangelo. Pintou *A Escola de Atenas* (1510).

Idiosincrasia

Maneira própria de cada pessoa ver, sentir as coisas e também o modo de reagir a elas.

de **Rafael**, visto que, em tais expressões da arte, o artista procurava destacar os traços característicos que tornavam as pessoas e o mundo mais próximos do ideal da perfeição e, nessa tentativa para encontrar a melhor forma de expressão, ele introduz traços de sua personalidade, de suas convicções, de suas **idiosincrasias**.

Discurso

Há vários conceitos para esse termo, mas aqui estamos considerando o discurso com o sentido de fala, como explica Saussure, ou seja, a expressão vocal concreta que cada pessoa realiza quando quer se comunicar. O texto escrito é o registro letrado do que se realiza na fala.

No caso da literatura, o discurso é o texto com os artifícios retóricos e poéticos que o autor organizou. Mas não esqueça! Há outras formas de se ver o discurso.

Etimologia

Ciência que examina as palavras em sua origem e em sua evolução histórica.

Papiro

É uma erva, mas é também a superfície feita com essa erva para uso da escrita. Recebe também esse nome o manuscrito antigo feito com o papiro.

ARTE, SUBJETIVIDADE E REALIDADE

No processo de construção da arte, há um aspecto, no entanto, que nos chama a atenção. Trata-se do fato de o artista buscar sempre na sua experiência de mundo (individualmente, em sua interioridade, ou coletivamente, na sua relação com os outros e com as coisas) os motivos para a sua criação. Esse fato faz com que a arte esteja engajada, não só na subjetividade do criador mas também nos fenômenos da realidade cultural. Não há dissociação entre uma e outra. Pelo contrário, há uma relação estreita, pois se o artista tem como base de sua criação uma imaginação inventiva, essa inventividade está baseada nos fenômenos que ele conhece da história passada ou atual, dos mitos ou do que ele vivencia em sua experiência cotidiana.

Veja você, então, que a arte é o resultado de uma relação particular que o artista tem com o mundo. Tudo fica submetido ao seu olhar subjetivo e, sob esse olhar, tudo é transformado em matéria de linguagem, quer essa matéria se expresse pela palavra, pela cor, pela forma ou pelo som. No caso da literatura, a matéria prima será sempre o **discurso** – a palavra. Não esqueça que a **etimologia** do termo “literatura” remete diretamente à letra. Na verdade, a condição de existência da palavra escrita é a “letra” como sinal convencional que, ao se inscrever sobre uma superfície (**papiro**, pedra, **pergaminho**, papel etc.) garante a realização da escrita. Fala-se em **literatura oral**, mas a tradição reporta-se sempre à literatura como texto escrito, inscrito com a letra sobre uma superfície, embora nos primórdios a literatura tenha sido difundida de modo oral mesmo.

Ao trabalhar a realidade do mundo com suas belezas, suas fealdades, suas alegrias, suas dores, suas angústias, seus acontecimentos sublimes ou nefastos, o artista traz para a arte a realidade da vida em todas as suas manifestações. A Cultura, então, aparece como ingrediente da arte, e ao mesmo tempo a arte revela a Cultura. Dizer, todavia, que a Cultura aparece como ingrediente da arte não significa afirmar que ela se apresenta sempre de forma direta, manifesta ou mesmo dentro das intenções do artista. Ela aparece principalmente de forma indireta, metafórica através das temáticas, do modo de visão do narrador ou das personagens, do vestuário, do tipo de fala do eu-lírico; através das expressões religiosas ou do modo como a política se desenrola no enredo; através da maneira como são postas as formas e as cores nas telas de pintura, no ritmo ou no tipo de harmonia das composições musicais etc.

Assim sendo, fica fácil entendermos que o artista vai encontrar a fonte de sua inspiração nos dados que a realidade cultural lhe oferece, tornando-se essa realidade um dos fatores básicos das várias formas de expressão artística. Portanto, a Cultura é o lugar onde nasce a arte e, pelo fato de a arte estar cheia dos elementos culturais, ela acaba revelando, de forma manifesta e de forma latente, as criações da Cultura.



O elefante de Célebes, de Max Ernst (Fonte: <http://www.chess-theory.com>).

CONCLUSÃO

Depois do que conversamos aqui, ficou claro para você que as relações entre arte e Cultura são muito estreitas. Uma está implicada na outra de tal forma que se você conhecer os fenômenos culturais que envolvem as manifestações artísticas já andou meio caminho para compreender muito dessas manifestações da arte. Ao mesmo tempo, as expressões artísticas revelam de forma direta e indireta o que se passa nas visões de mundo do povo e não só desse ou daquele artista. As esperanças, as frustrações, os ideais, as formas de prazer e de sofrimento, tudo isso reaparece simbolizado no trabalho do artista, quer se trate de um conto, um romance, um poema, uma tela de pintura, uma escultura ou qualquer outra manifestação da arte. Quando a alma humana se manifesta concretamente nas formas artísticas, ela traz consigo um pouco da história coletiva. Assim, conhecer a arte de um povo é já conhecer parte desse povo e, conseqüentemente, de sua Cultura.

Pergaminho

Pele de animal tratada para ser utilizada como superfície lisa para se escrever sobre ela.

Literatura oral

Conforme a própria expressão diz, a literatura oral consiste em textos orais como muitos contos folclóricos, mitos, lendas, que sofrem modificações ao longo do tempo, à medida que são transmitidos de pessoa a pessoa, de geração em geração, de região para região. Em geral, seus autores são desconhecidos. Podemos citar, como exemplo de literatura oral, as histórias do Saci-pererê, do lobisomen, da mula-sem-cabeça, do negrinho do pastoreio entre muitas outras narrativas populares.



Escultura da série bichos (Fonte: <http://www.sesrsp.org.br>).

RESUMO



- Na natureza não existe símbolo, existe apenas o cumprimento de regras, de leis naturais.
- As relações humanas são todas marcadas por um sentido, de modo que todas elas são simbólicas.
- A Cultura não é uma realidade natural, isto é, dada pela Natureza. Ela é uma construção artificial das relações humanas.
- Existe uma separação bem marcada entre a Cultura (que é humana) e a experiência comunitária entre alguns animais.
- Considerar um objeto como arte é já colocá-lo dentro de condições sociais e subjetivas específicas.
- A **Estética** é um campo de estudos que vai se preocupar com o sensível que é criado na arte e com o modo como essa arte é recebida por sujeitos que a observam.
- A arte é expressão do espírito humano, mas também é técnica, de modo que ela exige uma competência do indivíduo para poder produzi-la.
- A arte não se faz a partir do nada. Ela surge das experiências de mundo

do artista, das fantasias. Ele as transforma em linguagem, quer dizer, passa as para a linguagem da palavra, da cor, da forma, do som etc.

• Arte e Cultura estão sempre num movimento contínuo de interação. Nunca poderão estar separadas uma da outra mesmo quando a obra simboliza a realidade de forma abstrata.

ATIVIDADES

Agora que você já compreende a aproximação da arte com a Cultura, entre em contato, pessoalmente ou pela internet com mais dois colegas. Releia todo o texto acima, busque sites culturais e o livro de Émile Benveniste. Depois desta pesquisa e da discussão entre vocês, faça, individualmente, para cada pergunta abaixo, uma redação entre 8 e 10 linhas, respondendo ao que se pede.

- O livro *Problemas de lingüística geral*, de Émile Benveniste, traz dois capítulos intitulados, respectivamente, *Comunicação animal e linguagem humana* e *Da subjetividade na linguagem*. Leia-os e explique as diferenças entre a comunicação humana e a comunicação animal. Por que uma é considerada linguagem e a outra não?
- Por que é correto afirmar-se que a Cultura é a reunião das expressões simbólicas do homem?
- Diante da criação artística sempre se falou, nas conversas entre amigos, da existência de uma “musa inspiradora”. Considerando o que você já sabe sobre as aproximações entre a arte e os dados da Cultura, como explicaria o que é essa musa?
- Já que se fala em beleza tanto na Arte quanto na Natureza e nos fatos do cotidiano, que distinções podem ser feitas entre a beleza na arte e a beleza fora dela?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O estudo que você vai fazer pode ser discutido com colegas, mas na hora de escrever a resposta é sua.

PRÓXIMA AULA

Tudo isso que acabamos de estudar tem a ver também com as relações entre a literatura e a realidade social, e é desse assunto que vamos tratar na próxima Aula.



Estética

No grego existia o termo *aisthetikê* (sensível) que, por sua vez, é um derivado de *aísthesis* (sensação, percepção). A palavra estética nas línguas modernas é uma criação do filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) que em 1750 deu aos seus estudos do assunto o título de “*Aesthetica*”. No sentido mais abrangente, a Estética é o estudo do Belo, compreendendo-se como tal as sensações provocadas no sujeito pela arte ou pela natureza. No sentido mais restrito, Estética é o estudo das manifestações do belo artístico.



REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HAAR, Michel. **A obra de arte**: ensaio sobre a ontologia das obras de arte. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos**: um léxico histórico. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1974.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. **Arte e cultura**. São Paulo: Annablume, 2001.
- SEKEFF, Maria de Lourdes; AMPRONHA, S. Edson. **Arte e cultura**: estudos transdisciplinares III. São Paulo: Annablume, 2004.